



**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS - UEA
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE TEFÉ – CEST**

**TECENDO TEIAS NA DIÁSPORA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTELLECTUAL
NEGRA E PARAENSE ZÉLIA AMADOR DE DEUS PARA A LUTA
ANTIRRACISTA.**

**TEFÉ-AM
2024**

LÍDIA TAVARES CARNEIRO

**TECENDO TEIAS NA DIÁSPORA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTELLECTUAL
NEGRA E PARAENSE ZÉLIA AMADOR DE DEUS PARA A LUTA
ANTIRRACISTA.**

Monografia apresentada à Universidade do Estado do Amazonas – UEA, Centro de Estudos superiores de Tefé – CEST, como requisito para obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientador: Hygor Rodrigues Brasil de Alencar

TEFÉ-AM
2024

FICHA CATALOGRÁFICA

CARNEIRO, Lídia Tavares.

TECENDO TEIAS NA DIÁSPORA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTELLECTUAL NEGRA E PARAENSE ZÉLIA AMADOR DE DEUS PARA A LUTA ANTIRRACISTA. Lídia Tavares Carneiro. - Monografia do Curso de História. Centro de Estudos Superiores de Tefé – CEST - Universidade do Estado do Amazonas-UEA.

P. 38.

TERMO DE APROVAÇÃO**LÍDIA TAVARES CARNEIRO****TECENDO TEIAS NA DIÁSPORA: A CONTRIBUIÇÃO DA INTELLECTUAL
NEGRA E PARAENSE ZÉLIA AMADOR DE DEUS PARA A LUTA
ANTIRRACISTA.**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado em História, ao curso de História, do Centro de Estudos Superiores de Tefé, da Universidade do Estado do Amazonas.

Data de aprovação: 23/02/2024

Banca Examinadora:

Orientador: Prof. Esp. Hygor Rodrigues Brasil de Alencar
(CEST/UEA)

Membro: Prof. Msc Sandra Freitas Santos
(CEST/UEA)

Membro: Prof. Dr. Luciano Everton Costa Teles
(CEST/UEA)

Tefé/AM
2024

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho aos meus pais e meu esposo que sempre estiveram ao meu lado, apoiando-me em todos os momentos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço principalmente ao meu Pai querido do céu, o grande Deus eterno que me concedeu a vida, saúde, sabedoria e força de vontade na realização deste trabalho.

A Universidade do Estado do Amazonas desta cidade, o Centro de estudos Superiores de Tefé-CEST que abriram as portas e me receberam muito bem todo período que estive aqui, me auxiliou e acreditou no meu potencial de conquistar uma graduação.

A minha família, minha querida mãe Francisca e meu pai Leonaldo, meu esposo Ronaldo, minhas irmãs Ruth, Lia, Lívia e Liviane que sempre me apoiaram, não só financeiramente, mas principalmente com amor e compreensão.

Ao meu adorável orientador Prof.^a Esp. Hygor Rodrigues Brasil de Alencar pelo incentivo, paciência e um verdadeiro apoio e dedicação em prol do desenvolvimento da minha pesquisa. Além de ser um grande exemplo de profissional e ser humano.

A meus professores do curso que marcaram minha passagem pela universidade, Prof.^a Cristiane da Silveira, Prof.^o Yomarley Lopes Holanda, Prof.^o Luciano Telles, Prof.^o Tiago Santos, Prof.^o Macário Carvalho, Prof.^o Alcemir Teixeira e Prof.^o Tenner de Abreu.

Aos meus caros colegas de curso, Esthefanny, Juciane, Márcio Maioga, Ana Keila, Manoel Roberto, Matsan, Misa, Rodrigo, Robert, Carla que nunca irei esquecer, assim como todos os demais colegas.

E a todos que contribuíram para a minha realização profissional. Aqui fica a todos vocês a minha eterna gratidão.

EPÍGRAFE

*Negro dentro e fora
Ritmo-sangue sem regra feita
Grito-negro – força
Contra grades contra forças
Negro pronto
Negro e pronto.
(Luís Silva Cuti)*

RESUMO

O presente Trabalho trata da trajetória da professora, militante e atriz Zélia Amador de Deus, mulher negra e paraense que possui grande contribuição para a luta antirracista tanto no seu estado de origem, quanto nos espaços em que circula. O estudo tem por objetivo apresentar reflexões sobre a trajetória da professora emérita Zélia Amador de Deus a partir de sua obra “Tecendo Teias na Diáspora”, que, junto a sua trajetória, foram utilizadas como objeto de estudo para este trabalho. Tomando como base o potencial histórico e narrativo de seus conteúdos, o arcabouço teórico foi construído tomando como base o trabalho de teóricas como Sharpe (2023) e Hartman (2021), duas mulheres negras do campo da literatura que empreitaram experiências similares à de Amador de Deus (2019) na desestabilização dos modos de escrita na (re)construção e preservação da história negra. As discussões apontam para uma reflexão sobre a importância das mobilizações do Movimento Negro no Brasil a partir dos agentes políticos que empreitam ações de contribuição para a luta antirracista.

Palavras- chave: Antirracismo, Movimento Negro, Diáspora.

ABSTRACT

This paper discusses the trajectory of the professor, activist and actress Zélia Amador de Deus, a black woman from Pará who has a large contribution to the anti-racist movement both in her state of origin and in the spaces where she circulates. The study aims to present reflections on the trajectory of the Emeritus professor Zélia Amador de Deus based on her work “Tecendo Teias na Diáspora” which, together with her trajectory were used as an object of study for this work. Taking the historical and narrative potential of its contents, the theoretical framework was developed based on the work of theorists such as Sharpe (2023) and Hartman (2021), two black women in the field of literature who undertook experiences similar to that of Amador de Deus (2019) in the destabilization of writing modes in the (re)construction and preservation of black history. The discussion points to a reflection on the importance of the mobilizations of the Black Movement in Brazil based on political agents who undertake actions to contribute to the anti-racist movement.

Key words: Anti-racism, Black Movement, Diaspora.

LISTA DE ABREVIATURAS

TEN - Teatro Experimental do Negro

MNU - Movimento Negro Unificado

UFPA - Universidade Federal do Pará

CEDENPA - Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará

UFMG – Universidade Federal de Minas Gerais

CADARA – Comissão Técnica Nacional de Diversidade Relacionados à Educação de Afro-brasileiros.

MEC – Ministério da Educação

ABPN – Associação Brasileira de Pesquisadores Negros

GTI – Grupo de Trabalho Interministerial de valorização da População Negra

MNUCDR – Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial

CEDENPA – Centro de Estudos e Defesa do negro no Pará

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. TECENDO TEIAS NA DIÁSPORA: QUESTÕES DE NEGRITUDE E LITERATURA	15
1.1 HISTÓRIA, LITERATURA E NEGRITUDE.....	16
1.2 MOVIMENTO NEGRO NO BRASIL: AS HISTÓRIAS COMPARTILHADAS DE ANANSE.....	20
2. TEIAS DA TRAJETÓRIA DE ZÉLIA AMADOR DE DEUS.....	22
2.1 TEIAS DE RESISTÊNCIA.....	23
2.2 VOZ QUE ROMPE BARREIRAS	28
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	34
REFERÊNCIAS.....	37

INTRODUÇÃO

Este trabalho trata da trajetória da professora, militante e atriz Zélia Amador de Deus, mulher negra e paraense que possui grande contribuição para a luta antirracista tanto no seu estado de origem, quanto nos espaços em que circula. Zélia nasceu no território quilombola de Mangueiras, que hoje é localizado no Município de Salvaterra. Na época do seu nascimento, o território tinha o nome de Soure. E foi lá, na ilha do Marajó no estado do Pará, que essa intelectual negra iniciou sua trajetória de vida no dia 24 de outubro de 1951.

Durante a infância, Zélia foi criada por sua avó Francisca Amador de Deus. Como a mãe dela passou por uma gestação ainda na adolescência, ela não tinha condições financeiras de sustentá-la. E durante esse período com seus avós, acabaram mudando-se todos para a capital do estado (Belém) no intuito de garantir estudos adequados para ela e seguir a vida. A família de Zélia era muito pobre. Sua avó trabalhava lavando roupas para pessoas de fora e seu avô, que era semianalfabeto, fazia de tudo um pouco. Foi nesse contexto familiar que Zélia nasceu e é a partir dele que uma trajetória intensa e inspiradora com a educação teve início.

Na capital, a educadora desde seus primeiros anos escolares era “fera” em matemática. Ela estudou a primeira e segunda série na escola Externato Santo Expedito e deu continuidade nas series seguintes no Instituto Catarina Labouré, colégio de freiras, e permaneceu até a quinta série. Ela lecionava para as crianças que tinham dificuldade de entender matemática e foi receber por esse serviço que possibilitou a ela arcar com os custos de transporte para se locomover ao Instituto de Educação do Pará, onde havia feito um exame para adentrar e teve aprovação.

No ano de 1962, Zélia começou a lecionar no Instituto local, onde sua admiração pelo teatro se desenvolveu ainda mais pois ela pode realizar peças na cenografia. Ela também trabalhou como alfabetizadora de adultos e seu amor pelo teatro e a dança esteve com ela desde muito pequena. Ela gostava muito do som do batuque, inclusive, na rua da sua casa haviam dois terreiros que frequentemente estavam reunidos e como ela ficava apreciando as danças, passou a ter um enorme desejo de dançar igualmente. Vale pontuar que neste contexto histórico, que neste caso se passa no ano de 1968, o país estava em meio a uma série de manifestações contra ditadura militar.

Resgatar a memória é uma ação importante para a (re)construção de trajetórias pois são essas memórias que constituem nossas ações em nossos campos de luta e atuação. Motivada por esse movimento, pretendo com este trabalho apresentar reflexões sobre a trajetória da professora emérita Zélia Amador de Deus, personagem significativa para o movimento negro

no Brasil a partir de sua obra: “Tecendo Teias na Diáspora”, que, junto a trajetória da autora, constituem o objeto de estudo desse trabalho. Por ser uma pesquisa que recorre a elementos biográficos [consequentemente históricos], mas que também considera pontos narrativos [logo literários], desenvolvo o arcabouço teórico evidenciando essa relação entre história e literatura e conectando essa reflexão com a experiência de tecer narrativas na diáspora.

Proponho discutir essa experiência com a construção da história ao evidenciar a obra de teóricas como Sharpe (2023) e Hartman (2021), duas mulheres negras do campo da literatura que empreitaram experiências similares à de Amador de Deus (2019) na desestabilização dos modos de escrita na preservação da memória. Logo, apresento uma abordagem reflexiva durante o texto, conectando pontos da trajetória de Zélia com discussões de outros autores do campo das humanidades para evidenciar as colaborações da autora na história do movimento negro e na luta antirracista.

Através dos fatos históricos, sabemos que o Brasil foi o último país a abolir a escravidão. Este fato está distante dos dias atuais, porém, suas marcas ainda são visíveis com profundidade no povo brasileiro. A abolição ocorreu num processo lento, mesmo depois da Lei Áurea os povos africanos que vieram à força para as terras brasileiras permaneceram numa situação de miséria e afastamento social. As estatísticas/números são claras, elas mostram o que a sociedade negra no Brasil enfrentou e vem enfrentando ao longo de sua vida, e o antagonista da vida de tantos guerreiros tem nome: Racismo (Amador de Deus, 2019).

O racismo dificulta o acesso da população negra brasileira aos direitos que deveriam ser os mais básicos. Os dados nos revelam que boa parte da população que vive em situação de extrema pobreza é negra e que esta realidade pode ser observada em diversos espaços. Se o racismo é o antagonista na história de vida de tantos protagonistas negros, precisamos desestabilizá-lo e enfraquece-lo para seguir jornada.

É tomando a luta antirracista como uma das armas de combate a esse antagonista que escolhi o tema dessa pesquisa. É preciso desconstruir a ideia de que o negro é inferior ao “branco” e pretendo fazer isso ao considerar a importância que o movimento negritude tem para o progresso da sociedade brasileira e compreender a somatória que Zélia Amador de Deus teve para o movimento Negro do Brasil.

A escolha da obra “Tecendo Teias na Diáspora” como objeto de estudo foi feita tomando como base o potencial histórico e narrativo de seu conteúdo. Neste ato de tecer redes, tal como faz uma aranha, Zélia nos passa uma mensagem urgente de cuidado para com a criação dessas “novas memórias”, que é: a urgência de recorrer as narrativas dos nossos ancestrais para

(re)contar e registrar a história. Ela assim faz ao referenciar a figura do mito africano de Ananse, a aranha que compartilhou histórias com a humanidade, mito este que ela conheceu ainda na infância por meio das histórias contadas pela sua avó, que inclusive sempre lhe dizia para nunca matar uma aranha.

Por ter crescido escutando essas histórias, elas ficaram mantidas na memória de Zélia, que quando adulta compreendeu que essas narrações se originavam do mito africano da deusa Aranã¹.

Para melhor compreensão do símbolo que é a figura de Ananse para este trabalho, abordarei uma resumida explicação deste mito. A história conta que todas as histórias existentes pertenciam a Nyame (Deus do Céu), mas kwaku Ananse queria conhecer essas histórias e obtê-las para compartilhar com o seu povo. Com esse objetivo, Ananse certo dia decidiu tecer uma teia enorme que conseguisse chegar até o céu. Ao chegar lá, perguntou a Nyame o valor das histórias, que respondeu dizendo que o preço de suas histórias era que Ananse conseguisse trazer para ele três tesouros: “Osebo”, um leopardo de dentes assustadores; “Mmboro” os maribondos que bicavam com fogo e “Moatia”, a fada que ninguém jamais viu.

Este desafio era de grande dificuldade, pois até então ninguém havia conseguido cumpri-lo. Ananse aceita o desafio e vai em busca de conseguir todos os três tesouros. Ao consegui-los, os leva para o Deus do Céu, que cumpre com sua promessa entregando o baú de histórias a Ananse, que em seguida, pegou todas as histórias do baú e compartilhou com o mundo.

Ao metaforizar essa figura, Zélia compreende que essas histórias contadas atravessaram os oceanos e chegaram até sua avó. Tendo se originado na África Ocidental, o mito de Ananse acompanha todos os seus descendentes e está presente no imaginário destes povos com suas teias e histórias. Diante disso, Ananse passou a não somente ser uma divindade, mas a representação da possibilidade de vencer. É aquele que guarda as histórias formais e permite metamorfosear os herdeiros e herdeiras de Ananse em fundadores da sua própria história (Amador de Deus, 2019, p.26)

¹ Divindade originária da cultura dos povos fanthi-ashanti, da região de Benim, na África Ocidental.

1. TECENDO TEIAS NA DIÁSPORA: QUESTÕES DE NEGRITUDE E LITERATURA.

Ao referenciar a figura africana de Ananse, Zélia nos convida a entender o processo de tecer narrativas ancestrais como uma forma de produzir existências, histórias e experiências na diáspora, destacando o processo de luta e resistência para a preservação dessas histórias. A partir das memórias que a autora tem dos relatos de sua avó, já no prólogo do seu trabalho, Amador de Deus (2019) faz uma comparação entre essa figura das avós que contam histórias aos seus netos com a figura dos *griôts*, que são os guardiões da tradição oral em muitas culturas africanas. Nesta ação de transmitir histórias, são estes sujeitos que colaboram para a preservação da identidade cultural dos povos, mesmo em diáspora.

Este trabalho de preservação da memória faz com que as áreas de história e literatura conversem e se correlacionem, possibilitando metodologicamente escrever e reescrever a história de luta dos movimentos negros em diferentes espaços. No caso de Zélia, uma intelectual negra e paraense, o tear de narrativas para a construção da história se dá a partir do corpo negro, pois, por conta dos apagamentos deixados pela colonização, este corpo é a marca identitária na diáspora africana.

Na obra “o atlântico negro”, Paul Gilroy (2012) argumenta que o conceito de diáspora perpassa uma compreensão simples de movimento populacional, enfatizando que as formas como as experiências compartilhadas pelos afrodescendentes na diáspora se desenvolveram, acabaram por moldar identidades culturais distintas e produzir uma cultura "Atlântica Negra" que transcende fronteiras nacionais e que se caracteriza por uma interconexão complexa e por intercâmbios culturais entre os diferentes grupos afrodescendentes em diferentes espaços.

Nesse contexto, o trabalho de Amador de Deus (2019) a situa dentro de um movimento diaspórico. Por meio de “atos” a autora constrói suas discussões sobre como o racismo e o colonialismo performam violências sobre o corpo negro, e que tal como uma peça de teatro, esses atos acabam por atravessar as narrativas de vida desses personagens no tear de suas histórias de vida. Vale ressaltar que a conscientização sobre o lugar situado da diáspora é o que dá suporte para ampliar a percepção quanto aos fatores internos e externos que rodeiam essas experiências. Isso, pois: “Sob a ideia-chave da diáspora, nós poderemos ver não a “raça”, e sim formas geopolíticas e geoculturais de vida que são resultantes da interação entre sistemas comunicativos e contextos que elas não só incorporam, mas também modificam e transcendem” (Gilroy, 2019, p.25).

A chegada dos europeus à África resultou na captura e transporte forçado de milhões de africanos para as Américas que foram submetidos a condições desumanas de trabalho escravo.

Esse processo de exploração e opressão foi fundamental para a formação das sociedades americanas, estabelecendo relações de dominação e subordinação entre os africanos escravizados e os colonizadores europeus. Mas a história das diferentes culturas e povos africanos que chegaram ao Brasil não se concentra somente nos três séculos de escravidão neste território. Trata-se de um exercício muito maior a tentativa de reelaborar esse passado. É nessa intenção de incorporar, modificar e transcender os contextos impostos pela escravidão e pelo colonialismo que trabalhos como o de Amador de Deus (2019) recorrem a recursos literários para a construção de suas discussões. Esta relação com o texto literário acaba por se tornar a base metodológica para muitos trabalhos que buscam rememorar a história do negro diaspórico.

Neste capítulo apresento uma breve discussão sobre como o tear de narrativas é utilizado como recurso metodológico para a construção da história do povo negro e como esse processo é atravessado pela colonização que acaba por afetar, por meio da colonialidade e do racismo, a elaboração dessas experiências.

1.1 História, literatura e negritude.

As experiências únicas da diáspora africana, incluindo a migração forçada, opressão e resistência, têm sido temas recorrentes na literatura afrodescendente tanto no âmbito teórico quanto no literário. Este recurso tem sido utilizado como um meio de preservar essas memórias, e tal como faz Amador de Deus (2019), desafiar as narrativas dominantes e reconstruir a história a partir de perspectivas afrocentradas.

Nessa interconexão entre literatura e história, Le Goff (1990) apresenta em seu trabalho “História e memória” reflexões sobre como a literatura pode oferecer uma compreensão única da mentalidade e das experiências de diferentes épocas. O que faz com que ela acabe servindo como uma fonte valiosa para os historiadores que buscam reconstruir o passado. De acordo com o autor:

A história da história não se deve preocupar apenas com a produção histórica profissional, mas com todo um conjunto de fenômenos que constituem a cultura histórica ou, melhor, a mentalidade histórica de uma época. Um estudo dos manuais escolares de história é um aspecto privilegiado, mas esses manuais praticamente só existem depois do século XIX. O estudo da literatura e da arte pode ser esclarecedor deste ponto (Le Goff, 1990, p. 49).

Aqui Le Goff nos dá encaminhamentos para pensar essa relação entre história e literatura, pois a literatura desempenha um papel crucial na manipulação da memória coletiva,

como destacado por Le Goff. Podemos, com isso, olhar para as obras literárias observando que elas não apenas refletem as circunstâncias históricas de sua produção, mas também contribuem para a construção de narrativas históricas mais amplas. No entanto, há empecilhos quando consideramos a história do povo negro no Brasil sob essa ótica. Já no primeiro ato de seu trabalho, Amador de Deus (2019) apresenta o racismo como um fenômeno histórico que impacta profundamente a história, especialmente a história da diáspora africana.

No Brasil, o trabalho da pesquisadora e intelectual negra Beatriz Nascimento (2021), levanta esses questionamentos quanto aos problemas em relação a como a história do negro foi atravessada pelas relações sociais de uma estrutura acadêmica racista que acaba por construir narrativas que reforçam esse lugar de redução. Até poucas décadas, a história se concentrava no eterno estudo do escravizado, utilizando documentações oficiais, números e narrativas para desenhar esse passado. A crítica da autora é de que as mãos que escreveram essa história seguiram a narrativa do homem branco e não empreenderam esforços de memória que considerassem uma narrativa não-reducionista para o povo negro.

Em seu trabalho, a autora aponta caminhos para o que Amador de Deus (2019) acabou elaborando, que é esse movimento de questionar narrativas na construção da memória recorrendo a outros meios de assim o fazer. Como aponta Beatriz:

Não podemos aceitar que a história do negro no Brasil, presentemente, seja entendida apenas através dos estudos etnográficos, sociológicos. Devemos fazer a nossa história, buscando nós mesmos, jogando nosso inconsciente, nossas frustrações, nossos complexos, estudando-os, não os negando (Nascimento, 2021, p. 45).

Buscar reconstruir essa história a partir de uma ótica negra seria, de acordo com a autora, um modo de reelaborar esse passado, e, conseqüentemente, questionar a história que conhecemos, ao reconhecer estes outros recursos como os contos e narrativas como um meio de elaborar essa história. Le Goff, ao discutir os objetos de estudo da história, pontua que: “Tal como o passado não é a história, mas o seu objeto, também a memória não é a história, mas um dos seus objetos e simultaneamente um nível elementar de elaboração histórica” (Le Goff, 1990, p.50). A literatura se insere nesse movimento entre a memória, o passado, o registro e tantos outros recursos como objetos para que possamos elaborar e (por que não?) tecer as narrativas da história em uma perspectiva ancestral.

No mesmo movimento de questionar as narrativas, Chimamanda Adichie (2019), em sua palestra intitulada "Os perigos de uma história única", explora os riscos associados à aceitação de narrativas únicas e estereotipadas sobre culturas, povos e lugares. De acordo com

a autora, a história única cria estereótipos incompletos que quando dominam a representação de uma comunidade, país ou grupo, acabam criando uma visão simplificada e distorcida da realidade. Para combater isso, esse movimento de ouvir e contar diversas histórias é visto para a autora como uma alternativa para promover a empatia e a compreensão entre diferentes culturas e sociedades (Adichie, 2019).

As histórias estereotipadas sobre o povo negro estão fundamentadas nas memórias da escravidão e do tráfico transatlântico. Situar-se na diáspora é também estar consciente dessa relação. A autora e crítica literária Christina Sharpe (2023), discute isso a partir de suas leituras sobre a diáspora e reflete sobre como a vida de sujeitos negros são atravessadas por vestígios, que desde o seu nascimento impactam suas experiências de vida.

Nascer negro no Brasil é nascer com o que Sharpe (2023) teoriza como “desejo de morte”. As políticas escravocratas que tornaram jurídicas o direito de desumanizar povos africanos, torturá-los e reduzi-los a objetos ou força de trabalho apenas se reconfiguram e ganharam outra roupagem no presente, pois as instituições ainda mantem os mesmos alvos. Um exemplo disso são os casos diários de racismo que uma vez ou outra se tornam públicos e os dados de mortalidade da população negra no Brasil.

Na obra de Amador de Deus (2019), temos “o racismo” como primeiro ato, sendo ele também o antagonista na narrativa. Não à toa, este ato inicial na obra de Zélia é também o primeiro antagonista nas cenas do palco da vida de sujeitos negros. Sharpe (2023) nomeia isso como antinegriidade, e demonstra por meio de narrativas, notícias atuais e acontecimentos históricos que essa antinegriidade na verdade é a base que desenha todos os projetos de sociedade, frutos da colonização.

O sentimento de incompletude histórica é constante no trabalho de Sharpe (2023), e como ela bem apresenta: “Aqueles dentre nós que ensinam, escrevem e pensam sobre a escravização e suas vidas após a morte encontram uma miríade de silêncios e rupturas no tempo, espaço, história, ética, pesquisa e método enquanto fazemos nosso trabalho” (Sharpe, 2023, p.32). Esse sentimento é comum entre teóricos, a própria autora Beatriz Nascimento compartilha de sentimento similar ao desenvolver seu trabalho sobre o negro no Brasil: “Ao dedicar-me novamente à área acadêmica, sinto-me aprisionada pela forma literária necessária a essa ritualização do conhecimento” (Nascimento, 2023, p.92). Ambas estão discorrendo sobre o mesmo problema no que diz respeito aos seus estudos: os problemas de arquivo.

Outra autora que empreende metodologicamente um movimento de reelaborar o passado a partir da literatura é a autora estadunidense Saidiya Hartman (2021) que discute em

seu livro “Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão” como a perda da memória sobre a ancestralidade negra se traduz a partir da experiência de perder a mãe (e a terra-mãe) no tráfico transatlântico. Ao chegar em Gana, onde foi passar um ano como bolsista na universidade, Hartman (2021) se vê enfrentando as mesmas frustrações que Beatriz Nascimento e Christina Sharpe com relação aos arquivos: “Percebi muito tarde que o fosso do atlântico não poderia ser remediado por um nome e que as rotas percorridas por estrangeiros eram o mais próximo à terra-mãe que eu poderia chegar” (Hartman, 2021, p.16). Os arquivos com mapas e rotas que reduzem negros a objetos de troca ou os números e valores são e foram os recursos disponíveis para a escrita dessa história. Sobre isso, Hartman argumenta que:

O arquivo dita o que pode ser dito sobre o passado e os tipos de histórias que podem ser contadas sobre pessoas catalogadas, embalsamadas e lacradas em uma caixa de pastas e fôlios. Ler o arquivo é adentrar um necrotério, que permite uma visão final e um último vislumbre de pessoas prestes a desaparecer no porão de escravos (Hartman, 2021, p. 26).

Essa falta de registro dos arquivos deixa lacunas enormes no trabalho de pesquisadores que tentam reelaborar a história considerando a presença negra para além da escravidão. Sharpe (2023) e Hartman (2021) partem dessas constatações para encontrar caminhos nos rastros do arquivo. Estes rastros são, por exemplo, os contos de Ananse que Zélia apresenta em seu trabalho, e é a partir desses rastros que autores africanos e afrodescendentes têm utilizado a literatura para desafiar os esquecimentos e silêncios da história, reivindicando a preservação e releitura de suas experiências.

A obra de Amador de Deus (2019) investiga essa relação entre a escravidão e a falta de memória e pontua que essa relação é um dos principais desafios para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, descrevendo a escravidão como um dos eventos históricos mais traumáticos da diáspora africana, que resultou em uma perda significativa de memória coletiva e cultural. É a partir dessas discussões que Amador de Deus (2019) aborda a história e a resistência da diáspora africana, com foco especial na experiência afrodescendente no Brasil. Discutindo a forma como as sociedades africanas e indígenas, bem como os afrodescendentes, foram historicamente marginalizados e desvalorizados e situando as ações e a luta contínua do movimento negro no Brasil para combater esses apagamentos.

1.2. Movimento negro no Brasil: As histórias compartilhadas de Ananse

No conto de Ananse, a aranha que buscou histórias e as distribuiu entre os povos da terra ganha um significado potente na luta e trajetória política de Zélia e do movimento negro no Brasil. É importante situar que esse processo de tecer a história do negro brasileiro, como bem aponta Zélia, se deu de modo coletivo. Isso, pois os grupos de intelectuais negros brasileiros se empenharam ativamente em construir uma memória coletiva dentro de seus projetos.

O ato de Amador de Deus (2019) nomear os intelectuais e militantes negros que revolucionaram a história do movimento negro no Brasil como “herdeiros de Ananse”, nos permite observar que o compartilhamento das narrativas, tal como prevê o conto, é o que unifica essa experiência de reconstruir uma identidade negra no Brasil. A própria relação de Zélia com o teatro, por exemplo, segue essa metáfora de tecer e compartilhar histórias. Não esqueçamos, por exemplo, que o Teatro Experimental do Negro (TEN), fundado por Abdias Nascimento em 1944, foi um importante veículo para mobilizar discussões quanto as questões de negritude para muitos dos que depois lideraram movimentos em âmbito nacional, como o próprio Abdias Nascimento. Por isso a ideia de “histórias compartilhadas”.

Em diálogo com outros intelectuais negros, Amador de Deus (2019) discute sobre os legados do movimento negro contemporâneo no Brasil. O Movimento Negro Unificado (MNU) no Brasil, por exemplo, teve seu surgimento nas décadas de 1970 e 1980 como resposta às persistentes desigualdades raciais e à violência sistemática enfrentada pela população negra no país. Mas a história não “começa” aí. Gonzales; Hasenbalg (2022), por exemplo, refletem sobre a história dos movimentos negros no Brasil numa perspectiva plural e muito anterior à abolição; e que pode ser vista nos quilombos, pois mesmo no período da escravidão, o negro já se movimentava. Não por acaso, o título de “herdeiros de Ananse” é dado ao movimento negro contemporâneo. Movimento esse, do qual Zélia participa ativamente.

No segundo ato de sua obra, Amador de Deus discute sobre as dificuldades enfrentadas pelas herdeiras e herdeiros de Ananse na luta contra o racismo e a hegemonia da “branquitude”, bem como a ideologia do branqueamento que roubou dos movimentos negros o ditado “a união faz a força”. A branquitude, como bem conceitua Cida Bento, trata-se de um pacto de cumplicidade não verbalizado entre pessoas brancas, que visa manter seus privilégios e esse pacto possui um componente narcísico, de autopreservação, como se o “diferente” ameaçasse o “normal” e o “universal” (Bento, 2022, p.18).

Amador de Deus (2019) ainda pontua que, esses agentes da branquitude que estão impregnados nas elites brasileiras, frequentemente resistiram a medidas que poderiam

implementar políticas afirmativas e recursos de maneira mais equitativa. Daí, a dificuldade de levar a luta adiante.

Outro fator que impactou os caminhos de tecer narrativas ancestrais pelo movimento negro foi o mito da democracia racial. De acordo com Amador de Deus (2019) esta crença de que todas as pessoas nascidas no Brasil, mesmo racialmente diferentes, se enquadram na narrativa da brasilidade acaba por apontar para uma característica autoritária, que faz com que os sujeitos esqueçam suas histórias, suas experiências e realidades. No fim das contas, na peça da vida, esse mito acaba sendo mais uma persona (máscara) do racismo, devidamente tramado pela elite branca brasileira e que, no fim, surgem como entraves para a luta do movimento negro por justiça social.

Lélia Gonzales investigou como essa mobilização do movimento negro impactou a sociedade brasileira. Nos primeiros anos de MNU, o “trabalho de denúncia do racismo e da violência policial acabou por sensibilizar determinados setores da sociedade, tanto num sentido positivo quanto num negativo (Gonzales, 2022, p.75). Em um sentido positivo, o movimento sensibilizou parte da população que passou a reconhecer a urgência de lidar com as questões relacionadas à discriminação racial e às violações de direitos enfrentadas pela comunidade negra.

Por outro lado, o MNU também enfrentou resistência e reações negativas de setores que se sentiam ameaçados pela desconstrução das estruturas racistas. A própria Beatriz Nascimento discute esse ceticismo das elites em um texto datado de 1977, pois aqueles que se beneficiavam do status quo que sua branquitude lhe permitia acessar, não estavam dispostos a questionar ou modificar as relações de poder. Ao invés disso, buscavam explicações rasas para o não acesso a esses espaços. Como pontua Beatriz:

Mediante mecanismos seletivos, a sociedade brasileira reduz o espaço dedicado ao negro dentro da escala social. Uma vez que esse espaço se apresenta como parte incorporada à cultura dos negros, nada mais cômodo que unir o útil ao agradável. Quando se questionar a ausência do negro em posições de relevo social, basta mencionar Pelé ou algum dos pouco sambistas atualmente em boas condições financeiras. Quanto à grande maioria marginalizada, o mais fácil será recorrer à explicação econômica ou de classe (Nascimento, 2021, p.65-66).

Estes grupos muitas vezes reagiram de maneira hostil ao movimento, resistindo às demandas por igualdade e políticas afirmativas. O mesmo efeito foi observado como reação de diferentes grupos ao lidarem com as pautas de movimentos negros que iniciaram lutas por direitos em estados como BA, RS, RJ e SP antes do surgimento de um movimento unificado em âmbito nacional.

É a partir desse percurso histórico que podemos retomar a narrativa de Ananse como uma metáfora para as mobilizações do movimento negro no Brasil. As histórias compartilhadas levam-nos de volta aos vestígios que traduzem a experiência de vida de sujeitos negros de norte a sul neste país, cada qual com suas nuances, mas ainda assim, carregadas de vestígios da escravidão e da antinegriidade, como discutimos desde o início desse capítulo.

O poder das narrativas ancestrais africanas permite ao povo negro no presente reconstruir e adotar outros olhares para a sua história. Tal como Zélia faz com o conto de Ananse:

É essa poderosa Aranha com suas teias que aqui tomarei como metáfora das ações desempenhadas por um povo que, lançado em uma situação-limite, buscou forças para resistir. Nessa perspectiva, nenhuma ação terá maior ou menor importância, pois todas se constituirão nos fios de uma grande Teia que será estendida, unindo os grupos, os seus descendentes e, ainda, os dois continentes: África e América. Portanto, os africanos da diáspora, auxiliados pelo poder dessa divindade, serão dotados de consciência de unidade e de solidariedade (Amador de Deus, 2019, p. 127).

Se considerarmos o movimento negro no Brasil e a trajetória política de Zélia Amador de Deus, podemos refletir que cada ação, por menor que seja, contribui para a formação de uma grande teia que conecta grupos, descendentes e até mesmo as histórias que ficaram no vestígio dos navios que atravessaram os dois continentes: África e América. E nesse contexto, a referência a construção de uma identidade africana na diáspora sugere uma perspectiva de unidade e solidariedade, pois a ideia de unir descendentes de africanos, independentemente de sua localização geográfica, ilustra a necessidade de superar as barreiras impostas pela diáspora africana para continuar tecendo narrativas ancestrais.

Desse modo, talvez seja possível empreender projetos de reconstrução da história. Primeiro, entendendo que essas lacunas e faltas de arquivo também contam algo e que é a partir desses vestígios que devemos construir novas memórias, como faz Zélia Amador de Deus ao rememorar as lutas do movimento negro a partir de uma narrativa ancestral.

2. TEIAS DA TRAJETÓRIA DE ZÉLIA AMADOR DE DEUS

O processo de tear uma rede é minucioso, demorado e trabalhoso. Pensando o processo de tear em comparação a uma trajetória de vida, apresentamos neste capítulo a trajetória da intelectual negra Zélia Amador de Deus e os seus processos de unir teias para compartilhar histórias e assim, entender sua colaboração com o movimento negro, que se intensificou ainda mais quando ingressou como aluna na Universidade Federal do Pará (UFPA).

Zélia é uma mulher negra e paraense que tem uma trajetória diversificada entre as Artes Teatrais, as Ciências Sociais e as Letras. Desempenha a profissão de professora a mais de quarenta anos e em novembro de 2019 recebeu o título de professora emérita pela UFPA; entre os anos de 2010 a 2012 foi presidenta da ABPN; em 2019 foi a escritora homenageada na 23ª Feira Pan- Amazônica do Livro e das Multivozes em Belém-PA.

Trilhou os fios de Ananse com a frase que sua avó falava a ela “tu és preta, mas não é inferior” e foi através dos seus aprendizados quando criança, que recebeu principalmente da sua avó (que tinha o sonho de que ela estudasse e tivesse uma vida melhor) e sua formação política e acadêmica que facilitou com que ela reconhecesse sua negritude e o quanto isso pesava. Ainda assim, em seu processo Zélia sempre resistiu a todos ataques e conflitos que quisessem parar sua caminhada.

2.1. Teias de Resistência.

A intelectual Zélia Amador de Deus, tendo consciência do seu lugar de fala na luta antirracista, engajou-se em várias ações, e tornou-se uma figura de representação importante nas lutas para as conquistas deste grupo minoritário e silenciado pela sociedade na história.

A ativista Zélia enfrentou grandes dificuldades desde sua mudança de cidade quando criança. Por ser de uma família majoritariamente pobre, pois naquela época as famílias com pessoas negras estavam a margem da sociedade, e foi “tecendo teias”², que ela conquistou seu lugar nos espaços sociais não só pra ela, mas para todos herdeiros e herdeiras de Ananse. Hoje ela se vê e se orgulha por ser mulher negra, como mesmo diz: “Fui crescendo e aprendendo a ser mulher negra” (Amador de Deus, 2019, p.21).

Sua avó, dona Francisca, teve uma delegação imprescindível em relação ao destino da ativista, pois foi quando criança que teve seus primeiros entendimentos sobre ser negro no Brasil. A autora registra seu afeto pela avó e diz: “Hoje sou capaz de afirmar que ela foi a griot que fez a gentileza de me doar parte da memória que carrego comigo” (Amador, 2019, p. 21). Nesse processo de compartilhar histórias, houve também o ensinamento de sempre lutar pela sua identidade.

A intelectual negra desde jovem percebia a indiferença que as outras pessoas tinham por ela, havia um tratamento diferenciado comparado as demais pessoas, mas havia algo a seu favor

² Expressão utilizada por Zélia Amador de Deus em seu livro “*Ananse Tecendo Teias na Diáspora: Uma narrativa de luta e resistência das herdeiras e herdeiros de Ananse*”, quer dizer, cada persistência e resistência dos negros em se manterem nos seus lugares onde os brancos tentam tira-los a todo custo, simbolizando metaforicamente das teias de aranha, que quando bem construídas, a aranha vai longe por cada fio tecido.

pois ela tinha uma inteligência extraordinária e esse foi seu escape desde os primeiros anos de escolarização até a universidade. No documentário ‘Amador, Zélia’ ela relata sua primeira vez em que sofreu racismo: na ocasião, uma professora não a selecionou para participar de uma apresentação de dança chamada macumba³ e escolheu somente as crianças de pele branca. Com essas memórias, entre dores e vitórias, os fios de sua vida foram se tecendo e ela foi crescendo e aprendendo a ser negra e aceitar sua negritude.

Há um sentimento comum entre pessoas negras de que, ao compartilhar narrativas de racismo, muitas delas acabem se parecendo, já que muitas dessas violências são tomadas até como recreativas e se deslocam geograficamente. Em sua obra “Memórias da Plantação: episódios de racismo cotidiano”, Grada Kilomba discorre sobre esses racismos, pluralizando-os para entender as nuances das diferentes violências: como o racismo estrutural, racismo institucional e racismo cotidiano (Kilomba, 2019, p.77). Essa experiência vivida por Zélia na escola foi um marcador na construção dessas memórias de infância.

Já adulta, Zélia adere durante os anos 70 o estilo de cabelo black power. A intelectual afirmar com veracidade: “*O black power foi a minha libertação” O meu cabelo cresceu, foi-se, bem, eu tinha orgulho do meu black, aí passei a me aceitar e a entender que esse meu corpo tem uma história, história de um povo que foi vilipendiado, história de um corpo que carrega história*”. (Documentário ‘Amador, Zélia’, 2021).

A descoberta do cabelo black power foi um impulso para a ativista tecer teias de resistência para os grupos subalternos, principalmente como mulher negra. A intelectual negra Nilma Lino Gomes (2008) discute sobre essas políticas do cabelo, e ressalta que o cabelo do negro sempre é visto como algo ruim e que isto é resultado da expressão advinda do racismo e da desigualdade racial que recai sobre o negro. No fim, a assertiva que se tem de o cabelo do negro ser ‘feio/ruim’ e o do branco ser o ideal, o ‘bonito’, mais aceitável, personifica esse embate que foi construído historicamente (Gomes, 2008). Diante dos relatos de aceitação e empoderamento por parte de Zélia com relação ao seu cabelo, percebe-se que: “Para o negro e a negra o cabelo crespo carrega significados culturais, políticos e sociais importantes e específicos que os classificam e os localizam dentro de um grupo étnico/racial” (Gomes, 2019, p. 28). Neste caso, a busca pelo empoderamento de sua negritude.

No Brasil, a curvatura ou cor do cabelo, principalmente do negro, passaram a ser considerados aspectos significativos nas relações sociais, ou seja, na mentalidade das pessoas

³ Termo utilizado pela autora, retirado do documentário feito em sua homenagem, intitulado “Amador, Zélia” no ano de 2021, disponível no canal do you Tube ‘Produtora Floresta Urbana’. Termo presente também no seu livro intitulado ‘Caminhos trilhados na luta antirracista’, 2020, p. 08.

a forma do cabelo está relacionada a classe social em que o sujeito está inserido e também a sua classificação racial. É em virtude dessas colocações pejorativas, que o racismo e a desigualdade permanecem no imaginário e nas ações da sociedade brasileira.

Diante de tanta desigualdade, e tendo como objeto para esta pesquisa a trajetória de uma das mulheres mais renomadas do norte do país, é emergente a presença de outras mulheres nos diversos espaços da sociedade, pois “Quando uma mulher negra se movimenta, toda estrutura da sociedade se movimenta junto com ela. Quando uma mulher negra fala, nenhuma jamais se cala” (Amador de Deus, 2021).

Dentre os excluídos, são as mulheres negras que mais sofrem com a invisibilidade; tomando como base as hierarquias impostas pela sociedade (gênero, raça, classe e sexualidade) a trajetória da militante abre caminhos para que qualquer outra mulher negra que decida percorrer na luta antirracista possa alcançar lugares que a sociedade coloca como não sendo lugar de direito.

Na sua trajetória tecendo teias de resistência, as conquistas e espaços que ela alcança são de muita admiração, algumas das suas muitas teias tecidas foi sua graduação em licenciatura plena em Língua Portuguesa (1971-1974) pela Universidade Federal do Pará.

Nos anos finais da ditadura militar os movimentos negros começaram a realizar atividades com mais intensidade e bravura. Para além de denunciar as práticas de racismo, lutaram também pela consideração de políticas públicas de ação afirmativa com a finalidade de combater o preconceito e a discriminação racial. No estado do Pará, Zélia, juntamente com outros militantes, acabam formando o Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (CEDENPA). Zélia discorre sobre o surgimento desse movimento e suas estratégias de mobilização política:

Em 1979, alguns negros começaram a se reunir, propondo-se a criar uma entidade que denunciasse e lutasse contra o racismo. Aos poucos, fomos nos organizando. No início, timidamente, contando, ainda, com um quadro pouco numeroso, passamos a promover manifestações nas datas significativas para a comunidade negra, 20 de Novembro, 13 de Maio. Apenas no 20 de novembro de 1980, agora já mais estruturado, o grupo resolveu mudar de tática, fazer muito barulho, ocupar todos os espaços disponíveis – Assembleia Legislativa, Câmara dos Vereadores – enfim, se fazer presente. [...] A partir de então, começamos a nos integrar com os movimentos negros da região, participando de todos os Encontros de Negro do Norte-Nordeste. (Amador de Deus, 1987, p. 108).

As programações da militância começaram fervorosamente de diversas formas: palestras nas escolas, pesquisas com a comunidade negra paraense, debates sobre a narrativa da

história dos negros retratados nos livros didáticos, ciclo de debates, peças teatrais e rodas de conversa com grupos minoritários do Pará, como o Movimento Indígena (Amador de Deus, 1987).

A trajetória educacional da militante Zélia Amador de Deus percorre por momentos de notável importância para os intelectuais negros e pesquisadores do movimento negro no país. Após Concluir seu mestrado em Estudos Literários (1998-2001) pela UFMG (Universidade Federal de Minas Gerais), dedicou-se por completo na luta contra o racismo e exclusão dos negros e liderou diversas atividades nos ambientes institucionais, com o objetivo de levar a todos o que estava sendo desenvolvido pelo movimento negro sobre as políticas de ação afirmativa.

Neste meio tempo, “os herdeiros e herdeiras de Ananse” fortaleceram o movimento negro e desenvolveram diversas ações: declararam o dia 20 de novembro como dia nacional da consciência negra; estabeleceram a data do 13 de Maio como o dia da denúncia do racismo; fundaram ONGs desvinculadas do governo; realizaram encontros e reuniões para construção de planos e demandas propondo encarar o racismo como violação de direito na sociedade.

No período de 2001-2003, Zélia se torna participante da Comissão Técnica Nacional de Diversidade Relacionados à Educação de Afro-brasileiros (CADARA), ligado ao Ministério da Educação (MEC) que é o órgão encarregado de examinar, verificar e inspecionar políticas públicas relacionadas a execução da Lei nº 10. 639/03, assim como, determinar os parâmetros e procedimentos para a educação referente as relações étnico- raciais e para o ensino de história e cultura afro-brasileira e africana. Esta é a lei que torna obrigatório o ensino sobre história e cultura afro-brasileira nas escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio. Sobre esta lei, Zélia celebra:

Muitos educadores costumam dizer que não conseguem encontrar material didático, isso podia ser verdade até há bem pouco tempo, pois eram poucas as publicações que chegavam até nós sobre o continente africano, mas hoje a situação mudou. E, para tanto, os intelectuais negros têm exercido um papel fundamental. Um papel incansável, no sentido de corrigir as injustiças históricas que extirparam o continente africano do contexto da história internacional da humanidade. É como se aquele fosse um continente histórico. Um continente sem história. Aos poucos, a África e os descendentes de africanos vão se desvelando e deixando o papel de serem apenas temas e objetos de estudos dos brancos, para assumir o papel de protagonistas de sua própria história. Oxalá, a Lei nº 10639/03 seja o mote para que tal aconteça! (Amador de Deus, 2012, p. 240).

Cada objetivo alcançado é uma fração de um todo gigantesco que é a história dos afro-brasileiros e das lutas para que essa história seja revisitada e trabalhada em todo o espaço escolar onde estejam presentes crianças e jovens, descendentes de africanos, mestiços e brancos. O

celebrar da autora é memorável, pois foi em decorrência das grandes lutas e resistências dos movimentos negros e intelectuais negros que hoje há uma lei para que todos tenham o direito de aprender sobre a história e cultura afro-brasileira e africana nas escolas.

Ainda sobre sua trajetória acadêmica, Zélia começou em 2004 o seu doutorado em Ciências Sociais pela UFPA e concluiu em 2008, com sua tese intitulada “Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade”. Sua pesquisa é estruturada de forma auto teatral, fazendo usos da literatura ocidental e utilizando os termos literários de protagonista e antagonista; para referenciar os herdeiros de Ananse (protagonistas) que combatem a discriminação racial e lutam contra o Racismo (antagonista). Sendo este último, um sujeito que ao longo da história se reinventa e muda suas táticas afim de continuar atacando e inferiorizando os negros. Em sua narrativa, a autora correlaciona aspectos teatrais, designando que o Racismo tem várias ‘personas’, ou seja, várias máscaras.

Na sua obra “*Ananse Tecendo Teias na Diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e herdeiros de Ananse*” analisada para construção desta pesquisa, a ativista propõe que foi com o discurso da luta das raças que ao longo dos tempos este antagonista se manteve e se mantém até os dias atuais na sociedade, a ativista discute que:

O racismo contemporâneo emergiu como uma doutrina de exclusão, para legitimar a dominação de grupos fenotipicamente diferentes, e tem-se mostrado decisivo na criação e na reprodução de estruturas de classe, fundadas na subordinação daqueles definidos como inferiores por natureza (Amador de Deus, 2019, p. 42).

O que a história dos livros didáticos e o Estado desde a coroa portuguesa tentam negar, esconder e colocar “debaixo dos panos” é o que os filhos e filhas de Ananse lutaram, lutam e irão continuar lutando para que sejam adotadas novas perspectivas e olhares para o povo negro, suas memórias e suas culturas.

Pontuando a relação dos colonizadores com o povo africano, Zélia complementa que “como as sociedades africanas e indígenas apresentavam configurações diferentes daquilo que os europeus estavam acostumados, a conclusão é que são sociedades sem civilização e sem história” (Amador de Deus, 2019, p. 30). Conclusão errônea, pois os povos africanos não vieram sozinhos nos navios de tráfico. Por meio dos seus corpos, eles trouxeram consigo suas artes, suas belezas, suas culturas, seus costumes, suas músicas, suas danças, sua culinária e suas formas de organização, e que ao chegarem nas terras brasileiras, foram impedidos de continuar com seus costumes e crenças e proibidos de performar sua identidade. Zélia pontua:

“[...]posso afirmar que as histórias do povo negro nas Américas inscrevem-se em narrativas que incluem migrações e travessias, nas quais a vivência do sagrado, de um modo particular, constitui um índice de resistência cultural e de sobrevivência étnica, política e social. Os africanos arrancados à força de seu continente e transplantados para as Américas, na condição de escravos, por meio da diáspora negra, foram destituídos de tudo, inclusive de sua humanidade, ao serem transformados em mercadorias, coisificados. Neles o colonizador imprimiu o código dos europeus e deles se apossou, na condição de proprietário, senhor. Contudo, os africanos que cruzaram os oceanos não vieram sós. Com eles vieram divindades, visões do mundo, alteridades – linguística, artística, étnica, religiosa –, diferentes formas de organização social e diferentes modos de simbolização do real”. (Deus, 2019, p.142).

Com toda essa consciência política, a ativista ocupou espaços significativos na luta antirracista. Ela foi presidenta da Associação Brasileira de Pesquisadores Negros (ABPN) e participou do Grupo de Trabalho Interministerial de valorização da População Negra (GTI) e foi atuando nestes núcleos importantes que se deu sua atuação direta nas décadas de 80 e 90, principalmente do CADARA que fortaleceu a continuação da luta antirracista e a implantação de políticas de ações afirmativas nos anos seguintes e que existem até os dias de hoje.

2.2 Voz que rompe barreiras

Como ativista e militante, uma de suas diversas conquistas na luta antirracista foi de se tornar a primeira Vice-Reitora negra do país numa universidade federal, a UFPA, nos anos de 1993 a 1997, sua voz chegou em espaços que a sociedade não permitia que mulheres negras alcançassem: cargos de gestão em uma universidade pública. Para ela, é através da educação e da ação de questionar nosso conhecimento dos fatos para construir novas possibilidades que se pode chegar ao empoderamento; no sentido de saber como, quando e aonde soltar a voz e colaborar com o projeto pelo qual todos herdeiros e herdeiras de Ananse vêm lutando ao longo da história: o fim e/ou desmantelo da desigualdade racial. Para a ativista o principal espaço para luta antirracista é o ambiente acadêmico, onde estão os pesquisadores e estudantes negros. Como bem pontua a autora, eles que são os herdeiros e herdeiras de Ananse e é dessa forma que a luta antirracista de Zélia nas instituições dá prosseguimento.

Quando ela ingressou na faculdade, começou a participar da Escola de Teatro da UFPA, ela se envolveu por completo no universo do teatro, que inclusive afirma ter sido sua “terapia” em seu Curta Documental (Amador de Deus, 2021). Ela começou a fazer parte especificamente do Grupo paraense de teatro de rua nomeado “Cena Aberta” em 1975. Não deixando sua militância de lado, começou a participar do Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNUCDR) que hoje é MNU (Movimento Negro Unificado) e criou com demais os militantes o Centro de Estudos e Defesa do negro no Pará (CEDENPA, 1980).

Um episódio almejado acontece no ano de 2001 quando a ativista participa da III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata que ocorreu em Durban. As temáticas versavam sobre discriminação racial, racismo e a proposta de cotas raciais e todas fizeram parte do relatório oficial do Brasil que foi apresentado na conferência.

A comissão responsável pela empreitada contava com vários departamentos do governo e dentre eles haviam líderes do movimento negro que se esforçaram bastante para isso acontecer. Foi nesta conferência em Durban que pela primeira vez, um representante do governo brasileiro (presidente da época) em sua fala afirma para o mundo (o evento somava com a participação de representantes de vários países) a existência do racismo no território brasileiro e confirmou a necessidade de se discutir e efetivar políticas públicas para banir o racismo no Brasil.

Em toda sua trajetória de vida, tanto como educadora/pesquisadora como militante do movimento negro no Brasil, sua passagem pelos diversos órgãos do Estado e não-governamentais, seu discurso, objeto de pesquisa, sua voz que ultrapassava qualquer obstáculo foram e permanecem sendo: as Políticas de Ação Afirmativa.

Em uma entrevista para o canal *'Papo de Espertise'* ela relata a resistência e superação que enfrenta desde que adentrou para o movimento negro. Em sua fala ela descreve o que seriam as políticas de ação afirmativa: *'são políticas de determinados grupos que agem como reforço para que estes grupos historicamente discriminados alcancem patamar de igualdade de outros grupos que não foram vítimas de discriminação'*. Para a ativista, a implementação de cotas nas universidades foi uma grande conquista para a população afro-brasileira, pois este era grupo que sempre esteve desfavorecido nos processos de ensino.

Diante disso, é preciso discutir a desigualdade racial que é decorrente da discriminação. Neste caso, ela se efetiva quando o estado e a sociedade tratam um grupo de forma desigual comparado aos demais grupos e a consequência disso é a desigualdade. Se observarmos, por exemplo, o caso dos afro-brasileiros e povos indígenas, veremos que por conta dessa desigualdade estes grupos não se desenvolvem igualmente aos demais. Historicamente está comprovado pelos dados que essa diferença afeta o sujeito negro no valor do seu salário, no acesso a moradia e educação, na sua expectativa de vida (os negros vivem menos tempo) e em toda a sua experiência de vida.

Na luta da militante junto aos demais parceiros que fizeram parte do Movimento Negro, a Lei de Cotas seria apenas mais um “fio” na teia de inúmeras ações que almejam alcançar para os negros, e histórias que ficariam para contar depois, pois de acordo com a ativista:

[...] as políticas públicas de ação afirmativa e a utilização do sistema de cotas [...] precisam ser entendidas como mecanismos estratégicos que visam a beneficiar os grupos de uma sociedade que porventura sejam vítimas de discriminação. Isso significa que as políticas de ação afirmativa não devem ser confundidas com o mecanismo de cotas. Esse mecanismo pode ser utilizado ou não de acordo com sua relevância e pertinência. Importa dizer que o interesse acadêmico pelo estudo do racismo e da luta contra essa prática emergiu pouco a pouco e relativamente tarde no ambiente acadêmico (Amador de Deus, 2019, p.27).

Em que pese a Lei de cotas nº 12.711/2012 ter sido aprovada somente quatro anos após a publicação de sua tese de doutorado, intitulada: “Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na universidade”, foram visíveis barreiras advindas da branquitude para que esta implementação não acontecesse. O principal argumento que utilizaram foi de que todos somos brasileiros e de que não havia necessidade desta diferenciação em relação ao ingresso no espaço universitário. Porém, com muita luta, dedicação e empenho fez se possível alcançar resultados significativos para o avanço dessas pautas.

Zélia defende que para o processo de desconstrução da branquitude aconteça, é essencial que o corpo negro esteja nas universidades. A autora evidencia que na medida em que a quantidade de egressos negros no espaço acadêmico foi crescendo, maior tornou-se o número de pesquisas sobre as temáticas de discriminação racial e o movimento negro brasileiro e estas pequenas grandes conquistas só se deram por meio das ações daqueles que resistem, lutam e constroem como Zélia Amador de Deus.

No campo histórico, os fatos mostram que o Estado adotou projetos de nação que desfavoreceram os negros e privilegiaram os brancos, como o projeto do império de embranquecimento da população. Houve um grande esforço para que ele ocorresse, pois o governo fomentou a imigração (imigração branca) para que a miscigenação acontecesse. O que acabou não se efetivando por sendo uma ‘tarefa’ quase impossível. Isso, pois o Brasil é o país que recebeu o maior número de povos escravizados nos navios negreiros; foi o último a abolir a escravidão e é o segundo país que tem maior quantidade de negros no mundo, perdendo só para a Nigéria.

Esses projetos de embranquecimento acabaram por impactar a forma que nos entendemos no mundo. Os “problemas de arquivo” que foram denunciados por Hartman (2021) e Sharpe (2023) retornam aqui com a mesma roupagem, pois como as imposições culturais da

branquitude se empenhavam em silenciar a expressão negra e não considerar sua experiência como algo que valesse entrar para a história, todas essas experiências acabaram sendo colocadas em um lugar de silêncio. No caso de Zélia, a ativista encontrou no teatro o que ela precisava para enfrentar seus medos e passar por cima daqueles que, por muitas vezes, desde sua infância tentaram calar a ela e os herdeiros e herdeiras de Ananse. Mas não conseguiram, pois a autora se considera uma pessoa de postura ativa e de caráter independente desde a adolescência. Em uma entrevista publicada na *‘Novos Cadernos NEA’* ela descreve como este processo ocorreu:

“Essa minha postura insubmissa que eu construí, em parte, já na minha casa, foi tomando corpo com o tempo conforme eu adquiri consciência das coisas que se davam ao meu redor. Eu sempre fui insatisfeita com várias coisas e essa minha insatisfação me levou ao envolvimento com muitos movimentos” (Monteiro, 2021, p. 271).

Sua convivência e experiência praticamente diária com expressões de racismo e discriminação racial a fizeram abrir os olhos e soltar sua voz para a interrupção e para que as situações tomassem novos direcionamentos. De acordo com a autora, foi nesse momento que ela mergulhou de cabeça no teatro e passou a fazer dele a sua tribuna. Assim fez, cheia de coragem e ousadia nos palcos teatrais, pois, naquele momento ele serviu como o lugar para problematizar as questões raciais, haja visto que naquele momento a autora não conseguia fazer isso nos partidos políticos. Vale lembrar que por muito tempo os movimentos e partidos políticos só discutiam questão de classe e nada sobre questão racial, e isso de certo modo trouxe decepção para a ativista, pois ela esperava que aquelas pessoas daqueles grupos se engajassem no movimento (Monteiro, 2021).

Na medida em que a ativista vai alcançando cargos nos espaços de grupos administrativos governamentais e não-governamentais, sua admiração pelo teatro caminha junto a ela. Em todas as oportunidades que tinha de conquistar voz para as áreas de teatro e dança, ela logo o fazia e quando ela se tornou vice-reitora da UFPA em 1993, fez questão de utilizar sua ‘autoridade’ e juntamente com demais profissionais das Artes, acabam conseguindo custear um prédio para a construção do espaço onde até hoje funciona a ETDUFPA⁴.

Sua trajetória na educação, desde que ingressou na universidade como professora, é rodeada de grandes realizações para a população negra. Sua admiração pelo teatro a impulsionou a ter esse caráter revolucionário na luta antirracista, com isso, ela esteve à frente de vários espetáculos artísticos, sendo os primeiros deles no período da ditadura militar. Diante

⁴ Escola de Teatro e Dança da Universidade Federal do Pará.

deste cenário, as peças teatrais passaram a ter papel fundamental nos estudos e análises do corpo negro na diáspora.

A partir do golpe militar, um período histórico de opressões e pressões surge diante de qualquer discurso que fosse contrário as suas imposições. Com isso, intelectuais negros enfrentaram tempos de silenciamento e censura. Neste contexto, na cidade de Belém o espetáculo dirigido pela artista Zélia, intitulado *Theastai Theatron*⁵ é impedido de ser apresentado ao público, posto que a apresentação foi de autoria coletiva de Zélia com os demais integrantes do teatro Cena aberta, o fato que determinou a censura do espetáculo era a questão de naturalizarem o corpo nu de forma totalmente explícita. Tratava-se de “um espetáculo que abordava a trajetória do homem, nascimento, família, escola, religião, política, casamento, sexualidade e as manipulações pelos valores da sociedade.” (Miranda, 2010, p. 95).

Para Zélia Amador de Deus *Theastai Theatron* se tornou um aspecto da arte fundamental naquele momento, pois ele se tornou “a grande metáfora de combate à ditadura” (Amador de Deus, 2019). A ideia de utilizar performances e gestos em vez de falas, inovou completamente o teatro paraense. A vista disso, a artista entende que o corpo é o principal mecanismo que se pode ter para transmitir uma ideia. Sobre esta performatividade do corpo, ela nos traz a evidencia de que na travessia do Atlântico, os povos trouxeram nos seus corpos marcas da cultura, música, dança, de rituais, da vida, de saudade, de tristeza e tantas outras sensações e sentimentos que estão marcados em nós até hoje. É possível dizer que esta reflexão ascendeu ainda mais a tentativa e a vontade da Intelectual negra de se dedicar em pesquisar e lutar pelos direitos dos herdeiros e herdeiras de Ananse.

No período em que se aproximavam os cem anos de abolição da escravatura no Brasil, a intelectual Zélia resolve se afastar um tempo dos palcos e prioriza a luta antirracista. Mas na ocasião desta comemoração, ela e o grupo Cedenpa acabaram por organizar um espetáculo, intitulado: ‘*Face Negra Face*’, em homenagem a figura do líder quilombola Zumbi dos Palmares por sua importância como figura de resistência e também no reconhecimento do Dia da Consciência Negra. A estreia se deu no Teatro Waldemar Henrique no dia 22 de novembro de 1985 e a peça foi composta por 30 pessoas negras “com texto coletivo escrito por Nilma Bentes, Zélia Amador de Deus, Edson Catende, Ana de Olinda e Amilton Sá Barretto, a peça tinha como objetivo tentar recuperar uma parte da história que foi escondida: as histórias subjetivas por trás da escravidão” (Bandeira, 2022, p. 15). Tal ação se relacionava diretamente

⁵ A palavra “teatro” se origina destes dois termos em grego, *Theastai Theatron*, foi um espetáculo teatral em 1983, dirigido por Zélia Amador de Deus e co-dirigido por Luiz Otávio Barata, era de autoria do grupo teatral paraense Cena Aberta.

com os objetivos do grupo, pois a ideia sempre foi a de provocar reflexões “sobre a questão da luta racial em si, principalmente utilizando o instrumento da denúncia e desenvolvendo a área cultural, centrada na valorização das atividades afro-brasileiras, para reforçar a ‘negritude’” (CEDENPA, 1990, p.5).

O enredo a relatava vivência de um moço africano trazido sem seu consentimento ao Brasil juntamente com seus familiares durante os tempos de escravidão e também retratava a aflição e tormento que seus porvindouros enfrentam até o tempo presente. O espetáculo teve este enredo, que para algumas pessoas pode parecer “simples e comum”, mas que de fato foi necessário para mostrar para a audiência como os fatos que aconteceram, e o que desses fatos por vezes é negado, silenciado ou escondido pelo Estado e pelos documentos oficiais do país.

A finalidade dos autores era que esta peça chegasse no máximo de espectadores possíveis, tanto que além de apresentarem no Teatro Waldemar Henrique, o grupo passou a se apresentar em outros bairros subalternos e menosprezados da cidade de Belém, chegando inclusive a levar o espetáculo para outros estados como Piauí, Macapá, Maranhão e Rio Grande do Norte. O artista Edson Catendê (2010, p.19), ativista do Cedenpa e diretor da remontagem de “Face negra Face”, relata que foram mais de duzentas apresentações somente no estado do Pará”.

Segundo Amador de Deus (2011, p.1), apesar das tradições e trajetórias da população africana escravizada no Brasil terem sido destruídas pela cultura hegemônica, seus descendentes - a atual população negra que compõe majoritariamente o país - deram início a uma rede de interação para a preservação dos traços característicos da cultura africana num processo de “criação, invenção e re-criação da memória cultural para preservação dos laços mínimos de identidade, cooperação e solidariedade”, possibilitando assim, a reconstrução pessoal e coletiva dessas trajetórias aniquiladas.

Os atores que faziam parte do espetáculo ‘*Face Negra Face*’ não eram artistas profissionais. Para alguns deles, aquela era a primeira peça que atuavam em público, mas para a ativista Zélia isso só confirmava ainda mais a metáfora que ela defende, de que “o corpo e a cultura” podem ser utilizados como ferramenta de resistência para que as vozes de tantos outros filhos e filhas de Ananse rompam com as barreiras e se encontrem nas teias dessa rede que é a movimentação coletiva em prol da luta antirracista.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste trabalho, nos foi possível explorar a belíssima e inspiradora trajetória da intelectual negra Zélia Amador de Deus, evidenciando sua dedicação ao campo da educação e as suas incansáveis ações na luta antirracista. Por meio do seu livro “*Ananse Tecendo Teias na Diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e herdeiros de Ananse*” Zélia demonstra a importância de reconstruir a história a partir de uma perspectiva que realmente reconheça a participação do povo negro na construção desse país.

Essa atitude política de desafiar as narrativas dominantes e promover a valorização da cultura afro-brasileira e africana a partir de contos africanos nos convidam a pensar outras possibilidades e alternativas para questionar e repensar a forma como a história do povo negro é contada e ensinada.

A professora Zélia deixou marcas profundas nas pessoas que tiveram e tem a honra de conhecê-la. Tanto no aspecto profissional e acadêmico, quanto no campo político de representação, suas ações a colocam como uma figura de ilustre importância para a intelectualidade negra. Por onde ela e suas narrativas passam, pessoas ficam entrelaçados nas teias de resistência e perseverança que ela tem por sua crença em Ananse e no cuidado em utilizar essas narrativas para sonhar e projetar lugares inimagináveis para uma mulher negra na sociedade brasileira.

Sua vida de militância inspira milhares de mulheres negras a acreditar que através da trilha da educação é possível sonhar alto e alcançar objetivos; lembrando que, Amador de Deus (2019) reconhece que, em sua trajetória, o empoderamento que adquiriu se deu por meio do trabalho coletivo, ou seja, nada seria possível sem o companheirismo dos herdeiros e herdeiras de Ananse.

Considerando todo empoderamento conquistado por Zélia e os herdeiros e herdeiras de Ananse, suas primordiais vitórias alcançadas por meio do tear foi de certificar o acesso de negros e indígenas a um dos lugares mais radicais no âmbito social de exclusão desses corpos: a universidade. Foi também a co-fundadora do Centro de Estudos e Defesa do Negro no Pará (Cedenpa) e do Grupo de Estudos Afro-Amazônicos (GEAM) este que foi o primeiro Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB) do norte do país; foi vice-reitora (1993-1997) da UFPA ; conquistou seu mestrado em Estudos Literários (UFMG) e doutorado em Ciências Sociais (UFPA); participou de vários eventos com temática sobre negritude e políticas de ação afirmativa e o principal deles foi sua participação III Conferência Mundial de Combate ao Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata, que ocorreu em Durban,

evento esse no qual caminhos foram abertos e alargados para discutir projetos e leis para a desconstrução da desigualdade racial e discriminação; e em março de 2020 foi laureada com o Título de Professora Emérita da Universidade Federal do Pará, honraria esta que só é feita para educadores que alcançam o mais elevado nível de dedicação nos projetos acadêmicos e com o apoio de toda comunidade institucional. A professora Zélia é a primeira mulher negra Emérita da maior instituição de ensino superior público da região norte do país.

Posso afirmar que Zélia tem feito um trabalho esplêndido e que seria impossível não ser entrelaçada por essas teias também. Foi numa conversa informal com minha professora de estágio que ouvi pela primeira vez o seu nome e senti enorme vontade de pesquisar sobre ela. À medida que estudava, conheci inúmeros feitos da autora em defesa do povo negro e dos corpos invisibilizados pela sociedade (mulheres, indígenas, quilombolas). Desde o início da graduação já pensava em pesquisar questões de negritude por conta de minhas memórias e experiências. Foi ao adentrar a universidade e adquirir estes conhecimentos que tive a certeza de como é preciso e importante que produzamos pesquisas sobre esta temática. A trajetória de Zélia despertou em mim um propósito e uma força que estão determinadas para trilhar também meus caminhos no campo da educação e contribuir com pesquisas para esta temática, que necessita ser vista e estudada por todos.

É fundamental para o apagamento do racismo que práticas de efetivação da Lei 10.639/03 aconteçam nas escolas e universidade. Mas para isso, é necessária a mudança de pensamentos e atitudes por parte de quem faz esses espaços funcionarem. Ponho isso, pois de nada adianta existir uma lei se junto a ela não houverem políticas e ações para a efetivação prática destes projetos de luta antirracista. Mas a esperança não acaba. Acredito que esta pesquisa colabora positivamente para o desmantelo deste antagonista que insiste em permanecer na sociedade, no sentido de que o conhecimento pode ajudar os sujeitos a abrirem os olhos para esta realidade (realidade esta em que o racismo luta e reluta para permanecer; mas que nesta mesma realidade os herdeiros de Ananse jamais irão desistir de lutar).

A obra estudada para a construção desta pesquisa me deu a possibilidade de olhar e entender outros horizontes. Primeiro, o racismo modifica/troca sua tática de ataque, por isso ele tem permanecido no inconsciente e atitudes diárias do brasileiro, Zélia conceitua este ato como Personas (máscaras) do racismo, ou seja, com passar dos tempos, o racismo só trocou de máscara. Segundo; perseverantes, os herdeiros de Ananse continuam com suas ações, pois resistir é necessário. Ainda que o antagonista se esforce para que a escravidão faça parte somente do passado, precisamos lutar pelo nosso lugar na construção dessa história.

Diante disso, há o questionamento de que a aprovação da Lei 10.639/03, para além de sua importância, não é suficiente para mudar a realidade se as universidades não cumprirem o papel de promover discussões e práticas que evidenciem os conhecimentos quanto a verdadeira contribuição dos afro-brasileiros para a formação da sociedade. A mesma reflexão é extensiva para o campo da educação básica e para os campos de atuação política. Que possamos evidenciar essas ações que vêm sendo realizadas por vários guerreiros e, por meio delas, fortalecer as redes já existentes para que nós, herdeiros e herdeiras de Ananse, estejamos conectados para assistir novas teias surgindo na construção da história do povo negro neste país.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADOR DE DEUS, Zélia. **Anance tecendo teias na diáspora: uma narrativa de resistência e luta das herdeiras e herdeiros de Ananse**. Belém: Secult/PA, 2019.

AMADOR, Zélia. Direção: MACHADO, Ismael. MELO, Glauco. Produção: **Floresta Urbana**. Brasil-Pará, 2021. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=wtRyx9mNPMQ>>. Acesso em: diversos 2024.

BANDEIRA, Maria Ceci Leal. **O corpo performático do negro da diáspora: influências do teatro experimental na atuação política do movimento negro paraense durante os anos 80**. *Revista da ABPN*, v. 14, n. Ed. Especial, p. 03-23, julho. 2022.

BENTO, Cida. **O pacto da branquitude**. 1ª Ed. Companhia das Letras, São Paulo, 2022.

CEDENPA, **Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará. 10 anos em busca da consciência negra**. Belém: CEDENPA, 1990.

ADCHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia de Letras, 2019.

COLLINS, Patricia Hill. **Pensamento feminista negro: conhecimento, consciência e a política do empoderamento**. São Paulo: Boitempo, 2019.

DEUS, Zélia Amador. **Centro de estudos e defesa do negro do Pará**. Cadernos de Pesquisa, n. 63, nov. 1987.

DEUS, Zélia Amador. **O corpo negro como marca identitária na diáspora africana**. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais, 2011, Salvador. *Anais eletrônicos do XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais*, 2011, Salvador. Disponível em: https://fenomenologiadasolidariedade.files.wordpress.com/2013/11/1308245884_arquivo_corpocomomarcaidentitariaartigoversaofinal-zelia.pdf. Acessado em: 04/01/2024.

DEUS, Zélia Amador. **Os desafios da academia frente à Lei nº 10.639/03**. *Revista Educação Pública*, v. 21, n. 46, maio/ago. 2012.

DEUS, Zélia Amador. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

DEUS, Zélia Amador. **Os herdeiros de Ananse: movimento negro, ações afirmativas, cotas para negros na Universidade**. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

ESPECIAL: **Homenagem a uma guerreira paraense, Zélia Amador**. Portal Raoni, 24 out. 2008. Disponível em: <<http://raoninfo.blogspot.com/2008/10/especial-homenagem-uma-guerreira.html>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

ESPECIAL: **Homenagem a uma guerreira paraense, Zélia Amador**. PortalRaoni, 24 out. 2008. Disponível em: <<http://raoninfo.blogspot.com/2008/10/especial-homenagem-uma-guerreira.html>>. Acesso em: 10 jan. 2024.

FILHA de empregada doméstica, **Zélia Amador de Deus recebe o título de professora emérita da UFPA**. *Cada Minuto*, (s.L), 2020. Disponível em: <<https://www.cadaminuto.com.br/noticia/355729/2020/03/14/filha-de-empregada-domestica-zelia-amador-de-deus-recebe-o-titulo-de-professora-emerita-da-ufpe-egua-mana>>. Acesso em: 06 jan. 2024.

- FRAGA, R., Wankler, C., & Prudente, V. **Africanidades, literaturas e minorias sociais**. Curitiba: Appris, 2022.
- GILROY, Paul. **O Atlântico negro: modernidade e dupla consciência**. Editora 34, 2ª Ed. Rio de Janeiro, 2020.
- GOMES, Nilma Lino. **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolos de identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- GONZALEZ, Lélia; HASENBALG, Carlos. **Lugar de negro**. 1ª Ed. Editora Zahar, Rio de Janeiro, 2022.
- HARTMAN, Saidiya. **Perder a mãe: uma jornada pela rota atlântica da escravidão**. Editora Bazar do Tempo, 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2021.
- KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação – episódios de racismo cotidiano**. Editora Cobogó. 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2019.
- LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Tradução Bernardo Leitão [et al.]Campinas, SP Editora da UNICAMP, 1990.
- MIRANDA, Michele Campos de. **Performance da plenitude e performance da ausência: vida-obra de Luís Otavio Barata na cena de Belém**. Centro de Letras e Artes, Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, 2010.
- MONTEIRO, Alef. Uma vida dedicada ao combate do racismo na Amazônia: entrevista com Zélia Amador de Deus, por ocasião de seus 70 anos. **Novos Cadernos NAEA**, v.23, n.3, p.265-281, set-dez. 2020.
- NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Editora Zahar, 1ª Ed. Rio de Janeiro, 2021.
- NASCIMENTO, Maria Beatriz. **O negro visto por ele mesmo**. Ubu Editora, São Paulo, 2022.
- SEPULVEDA, Lucas Afonso. **Zélia Amador de Deus: tecendo os laços de solidariedade entre os herdeiros de Ananse**. IN: FREITAS, Viviane Gonçalves (org.) **Intelectuais negras: vozes que ressoam**. Belo Horizonte: PPGCOM UFMG, 2019.
- SHARPE, Christina. **No vestígio: negritude e existência**. Ubu Editora, São Paulo, 2023.